ABRE aspas

Com uma visão aberta da agricultura, sem jamais perder de vista o intrincado mercado internacional e suas barreiras, o reempossado secretário João Carlos Meirelles, da Agricultura e Abastecimento da cidade de SãoPaulo, demonstra um grande otimismo e muita determinação para o seu segundo mandato à frente dos negócios rurais. "Agricultura não é coisa só de agricultor", sentencia. Esse raciocínio foi adotado pelo governador paulista para determinar uma política de consenso para o setor. Existem funcionando no estado 24 câmaras setoriais que discutem desde os problemas dentro da porteira até a chegada dos produtos à gôndola dos supermercados. E mais: elas já deram bons resultados, o que provoca um sorriso de satisfação do secretário, certo de que escolheu o caminho adequado. Ele espera novas ações em 1999. As dificuldades são muitas, mas o pecuarista João Carlos Meirelles é daqueles que vislumbram na agricultura a solução para os grandes problemas brasileiros e mundiais.

CORTESIA DA
EDITORA DA
FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS

Nova face agrícola

ANTÔNIO RECHE MEDRANO

■ *Qual sua avaliação do trabalho das câmaras setoriais em São Paulo?*

— É muito positiva. O negócio agrícola precisava de um novo diagnóstico diante das alterações na economia mundial. Muita coisa tem mudado nos últimos anos e a agricultura estava à margem dessas modificações. O conceito de câmara setorial altera radicalmente um outro, obsoleto, de que ao agricultor cabe somente produzir. É fundamental pensar junto na cadeia produtiva. De que adianta um tomate fora do padrão que interessa ao comprador, sem a cor desejada, tamanho insuficiente e embalado precariamente? Esse é apenas um exemplo.

■ *O consumidor foi redescoberto?*

— Nas reuniões das câmaras ficam frente a frente todos os elos da cadeia produtiva. Discutem democraticamente seus principais problemas e apontam soluções. Com base nesse diálogo o governo, quando necessário, formula as políticas para o setor. O consumidor é o principal motivo de se produzir.

■ *Foi isso que aconteceu na câmara setorial de hortaliças com o tomate?*

— Exatamente. Como resultado das reuniões da câmara, hoje o tomate já sai classificado da propriedade, embalado em caixas apropriadas que o supermercadista só tem o trabalho de abrir e colocar na gôndola e com resíduos toleráveis de agrotóxicos.

■ *Como era feito antes?*

— Era uma aventura medieval. O produto chegava ao supermercado sem nenhuma seleção, embalado em caixas de madeira e tinha que ser classificado antes de ir para a prateleira. Essa foi uma ação notável do entendimento obtido por todos os elos dessa cadeia produtiva.

■ *Há outro exemplo?*

— No caso do café também está havendo uma evolução muito boa. Como resultado das reuniões da câmara do setor foi criada a marca Café de São Paulo; vem sendo desenvolvido um trabalho para conscientizar o produtor sobre o período pós-colheita; outro aspecto importante é o trabalho de certificação do produto, entre outras ações não menos importantes.

■ *A pecuária de corte também está envolvida nesse processo de modernização?*

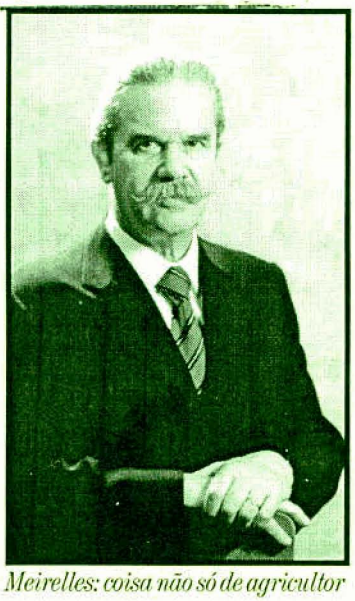
— Vem trabalhando nisso há muito tempo. Os criadores desenvolvem um longo processo de melhoria genética do rebanho, para oferecer um produto final da mais alta qualidade.

■ *Mas outros elos dessa cadeia não acompanhavam o trabalho do pecuarista...*

— É verdade. Mas com a Portaria 304 obrigando a desossar, embalar e identificar o animal após o abate já mudou o quadro. E agora, com a Portaria 145, que passou a vigorar a partir de janeiro deste ano e que determina aos municípios com mais de 200 mil habitantes o mesmo procedimento, o processo de modernização vai continuar avançando.

■ *Quais as conseqüências dessas mudanças?*

— Demos um enorme salto de qualidade no processo da pecuária de



Meirelles: coisa não só de agricultor

corte. Hoje temos os mais modernos frigoríficos com salas de desossa. Isso faz parte de um trabalho que vai melhorar a situação de todos os elos da cadeia, oferecer um produto de qualidade ao consumidor brasileiro e visa ganhar uma fatia maior no mercado internacional.

■ *Por que o Brasil não consegue exportar um volume maior de carne bovina?*

— São vários os motivos, mas gostaria de fazer uma análise mais ampla sobre esse assunto. Países como os Estados Unidos criam os bovinos em megaconfinamentos. Obtêm animais jovens com muito peso. Esse é o lado positivo. Os confinamentos também são focos de doenças, lá os animais recebem hormônios e anabolizantes. Não é muito diferente a situação na União Européia. Se produzimos a carne bovina de maneira diferente, por que não temos mais mercado? Mais uma vez entra em cena a questão do conceito.

■ *Como assim?*

— Os pecuaristas brasileiros criam seus animais na base da fotossíntese; é proibido o uso de anabolizantes e se evitam os antibióticos. Portanto, a carne produzida por nós é a mais natural. Isso precisa ser divulgado entre os consumidores internacionais. Cresce no mundo a procura por produtos ecologicamente corretos. Pois essa é a diferença do produto brasileiro. Tanto que foi criado o *slogan Brazilian beef: taste of nature* (carne brasileira: sabor de natureza), para falar do nosso produto no exterior. Nossa competitividade reside no fato de que somos o único país no mundo que cria boi a capim. E temos área para aumentar muito a produção dessa carne saudável e saborosa.

■ *E a febre aftosa?*

— Temos avançado na erradicação da doença. Mas na questão do mercado internacional o problema é um pouco mais complexo. Para países como Estados Unidos, Japão e Coréia, qualquer doença serve de pretexto para a criação de barreiras. Na falta dessas, os governos desses países impõem barreiras tarifárias. Isso sem falar de outros grandes produtores na América do Sul que não têm o menor desejo de competir com a carne de qualidade incomparável produzida no Brasil.

■ *Qual a atitude da União Européia em relação a esse assunto?*

— São rigorosos, mas enviam missões comerciais para visitar regiões de pecuária e compram do Brasil. Conhecem e reconhecem o enorme esforço que temos feito para erradicar essa doença do nosso rebanho. O potencial para a União Européia é muito grande e vamos brigar para ocupar esse espaço quando o conceito da carne natural produzida aqui estiver bem difundido.

O conceito de câmara setorial altera radicalmente um outro de que ao agricultor cabe somente produzir. É preciso pensar em termos de cadeia produtiva. Conhecer o padrão que interessa ao comprador, a cor e o tamanho desejados, a embalagem que vende.

■ *Quando a febre aftosa fará parte do passado da pecuária de corte brasileira?*

— Há fatos curiosos sobre essa questão. O combate a essa doença só começou a dar resultados positivos quando houve um entendimento entre o setor público e o privado. Houve um programa federal de erradicação que não deu resultado. Naquela oportunidade não se conseguiu envolver adequadamente o pecuarista. Se não houver a vontade do criador, nada funciona.

■ *E quando a situação mudou?*

— O assunto passou a ser tratado com seriedade a partir de 1989 no âmbito do Conselho Nacional de Pecuária de Corte. Menos de 10 anos depois Santa Catarina e Rio Grande do Sul obtiveram o certificado da Organização Internacional de Epizootias de zonas livres da febre aftosa com vacinação – uma grande vitória.

■ *Mas a situação se complicou agora com os focos debelados no Mato Grosso do Sul?*

— Sem dúvida. A constatação de dois focos naquele estado – o primeiro em fevereiro do ano passado em Porto Murtinho, o segundo no mês passado em Naviraí – indica uma fragilidade no sistema. Sem questionar os inúmeros boatos que foram gerados após esse fato, uma coisa é certa: foco de febre aftosa não cai do céu. As autoridades daquele estado fizeram um trabalho rápido e eficiente, sacrificando os animais. Mas na minha opinião, sem desejar me intrometer em assuntos internos daquele estado, a vigilância precisa ser reforçada e atuar com todo o rigor possível.

■ *Por que o estado de São Paulo precisa fazer parte do chamado circuito Centro-Oeste?*

— É uma questão estratégica. Esse circuito inclui Paraná, São Paulo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Goiás e Distrito Federal. Dos 170 milhões de cabeças de gado existentes no Brasil, 90 milhões estão concentrados nessa enorme região. Isoladamente São Paulo pode requerer o certificado para a OIE, mas não é a política correta.

■ *O que vai acontecer agora no Mato Grosso do Sul?*

— O estado vai ter um prejuízo enorme. Poderá separar essas áreas e continuar no processo. Mas terá que fazer exame sorológico em 200 mil animais. O importante a destacar é que a grande maioria dos pecuaristas está cumprindo todas as determinações para livrar o rebanho dessa doença. E continuo otimista, acreditando que vamos obter para o circuito Centro-Oeste o certificado de área livre de febre aftosa.

■ *Qual a sua análise das mudanças que vêm ocorrendo no agronegócio?*

— O que está acontecendo no mundo é uma mudança brutal dos hábitos alimentares. E se existe fome hoje no planeta, não é por deficiência na produção, mas sim por injustiça social. Isso precisa ficar bem claro. Os agricultores estão cada vez mais bem preparados. A agricultura de precisão, já praticada no Brasil, é um exemplo de até onde a tecnologia pode chegar. Esse é um processo que não pára.

■ *Qual o papel do agricultor na mudança dos hábitos alimentares?*

— Ele precisa produzir o que o consumidor deseja. Há alguns anos você ia ao supermercado e comprava um frango. Hoje você encontra coxas, peitos, entrecoxas, miúdos, asas e coração. Tudo separado e embalado. A indústria já faz isso. Quanto mais isso for feito, mais se venderá.

■ *Você não acha que a globalização favorece poucos em detrimento de muitos?*

— Essa é a discussão do novo milênio. A globalização tem efeitos positivos e perversos. Desemprego e altas taxas de juros se enquadram na categoria da perversidade. Como a agricultura brasileira pode ser competitiva pagando juros do tamanho que estão? É necessário apoiar

o setor primário pois ele responde rapidamente. Com o desmoronamento do bloco comunista, cuja ideologia propunha reformas estruturais, entre elas a revisão do quadro econômico mundial, o capitalismo perdeu a cerimônia.

■ *Qual a saída para as injustiças que vemos hoje?*

— A indústria tem atualmente um índice de alta produtividade. E muitas funções são exercidas por robôs, ou seja, a tecnologia tem substituído a mão-de-obra. E, não tenha dúvida, vai continuar provocando demissões. Não há saída, a que não se modernizar será engolida.

■ *E o comércio?*

— Com a chegada desse segmento ao ambiente virtual, essa não me parece uma atividade que será a grande fronteira de trabalho. O crescimento dos negócios feitos pela internet no mundo e no Brasil atingirá taxas cada dia mais altas.

■ *Os serviços seriam o gerador de trabalho no próximo século?*

— Sim, grande empregador de mão-de-obra especializada. O que não deve criar falsas expectativas entre os brasileiros. Falta esse tipo de especialização na grande camada da população, que é a primeira a sentir na pele os efeitos da substituição de seu trabalho por máquinas ou pessoas mais bem qualificadas. Vivemos em um país em que quase 70% da população é analfabeta ou semi-analfabeta.

■ *Então, qual é a sua proposta?*

— A solução está no fortalecimento do agronegócio. É aí que vamos poder empregar essas pessoas. O país tem terras, clima favorável para muitas culturas e um mercado doméstico e internacional imenso para consumir seus produtos.

■ *Será que vai haver facilidade para negociar no mercado internacional?*

— Você está se referindo ao escândalo do protecionismo? Isso é um absurdo tanto na União Européia quanto nos Estados Unidos, ou alguns países asiáticos. Uma tonelada de suco concentrado de laranja ter que pagar US$440 para entrar nos Estados Unidos é inaceitável. É preciso refazer essas regras do comércio internacional. Se eles querem proteger seus agricultores, que o façam; mas dificultar o comércio de países como o Brasil, que é o maior produtor mundial de laranja, de açúcar e álcool e de café, é absurdo, ainda mais quando os discursos dos líderes desses países falam em livre mercado. Será saudável sair do discurso para a prática.

A globalização tem efeitos positivos e perversos. Desemprego e altas taxas de juros se enquadram na categoria da perversidade. Como a agricultura brasileira pode ser competitiva pagando juros do tamanho dos que estão sendo praticados?

■ *Como está a situação no mercado de couro?*

— Se o Brasil quiser exportar esse produto cru ou *wet blue* para a União Européia não há taxação alguma; mas para o couro industrializado a taxa alfandegária é de 6,35%.

■ *E nos Estados Unidos?*

— Eles abatem de 36 a 38 milhões de cabeças por ano mas não curtem o couro. Exportam para ser industrializado no Leste asiático ou no Brasil.

■ *Por que não processam o couro? Porque é uma indústria poluente?*

— A poluição é controlável e não inviabiliza o negócio. A indústria brasileira processa cerca de 30 milhões de peças por ano.

■ *Onde se localiza o parque curtidor brasileiro?*

— Em vários estados: Rio Grande do Sul, Paraná, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Bahia e Paraíba. O trabalho com o couro está espalhado por todo o país.

■ *Qual o volume de dinheiro movimentado pelo setor?*

— Em 1997 foram trazidos para o país cerca de US$700 milhões, resultado da exportação de 15 milhões de peles. A indústria brasileira tem conseguido melhorar a qualidade desse produto.

■ *Se no couro os negócios vão bem, o mesmo não se pode dizer da carne bovina?*

— O país exportou 300 mil toneladas de carne em 1997, 350 mil no ano passado – um crescimento superior a 16%. E as expectativas do setor são de chegar a um volume de 400 mil toneladas este ano. Acredito que a pecuária de corte brasileira tem grandes possibilidades tanto no mercado interno – a carne bovina é a preferida da população – quanto no mercado internacional.

■ *Há novos mercados a explorar?*

— Sim. Para a carne com sabor de natureza produzida no Brasil não devem faltar mercados.

■ *O mal da vaca louca tem atrapalhado os planos brasileiros na questão da carne bovina?*

— Essa é uma questão bem complicada. Há um certo ar de irresponsabilidade por parte do governo do Reino Unido. Parece que esse problema foi postergado até o limite máximo. E deu no que deu. Uma situação bastante difícil.

■ *O Brasil perdeu?*

— Com a rejeição dos consumidores ao produto, todos os países que praticam a pecuária de corte amargaram prejuízos.

■ *Como está a situação hoje relativamente a esse problema?*

— Ainda existem riscos. Há notícia de novos focos sendo encontrados. Precisamos ficar atentos e exigir que as autoridades sanitárias da União Européia estabeleçam e pratiquem um rigoroso controle para evitar a disseminação desse mal. Que eles sejam tão exigentes internamente quanto o são para a entrada de produtos procedentes de outros países.

■ *Há tanta pendência nas relações comerciais entre países ricos e ricos, ricos e pobres, miseráveis e remediados – o senhor acredita que essas questões possam ser solucionadas?*

— Há uma grande chance de que se comecem a discutir as questões mais urgentes ainda em 1999.

■ *O senhor se refere à reunião em dezembro deste ano?*

— A reunião da Organização Mundial do Comércio que acontecerá em dezembro é o foro adequado para todas essas questões. Trata-se da rodada do milênio. É uma grande oportunidade para observar quem deseja mudar, quem aceita conversar sobre o assunto e quem quer que tudo fique onde está.

■ *Os Estados Unidos endossam uma posição do governo brasileiro, e dizem que a defenderão na reunião da OMC, pela redução dos subsídios à agricultura na União Européia. Isso é real ou apenas cortina de fumaça?*

— Os sete países que fazem parte da Unctad gastam US$320 bilhões subsidiando os seus agronegócios. Vai ser uma boa briga.